

Gêneros orais na universidade: relato de uma experiência com o seminário

Luzia Bueno
Universidade São Francisco
Cláudia de Jesus Abreu
Mestrado, Universidade São Francisco



Synergies Brésil n° 8 - 2010 pp. 119-125

Résumé: Cet article vise à présenter une étude menée sur le genre textuel séminaire, dans le cadre d'un cours de lecture et production de textes à l'Université. Pour ce travail, nous avons adopté le modèle d'analyse de textes de l'interactionnisme socio-discursif développé par Bronckart (1999, 2004), ainsi que la proposition d'enseignement des genres par la construction de modèles et séquences didactiques de Schneuwly & Dolz (1998, 2004). L'analyse de ce genre oral et l'application de la séquence didactique nous ont amené à la conclusion que le séminaire est bien plus complexe que ce que nous supposions et que par conséquent, il est nécessaire de lui consacrer un travail systématique allant de la phase de la préparation jusqu'à la phase de la présentation proprement dite, afin que les élèves le dominent effectivement comme moyen d'apprentissage.

Mots-clés: séminaire, genres oraux, interactionnisme socio-discursif, modèle didactique, séquence didactique

Resumo: Este artigo visa apresentar o trabalho desenvolvido com o gênero textual seminário, em uma disciplina de Leitura e Produção de Textos na universidade. Nesse trabalho, nós adotamos o modelo de análise de textos do Interacionismo sociodiscursivo, desenvolvido por Bronckart (1999, 2004) e proposta de ensino de gêneros por meio da construção de modelo didático e seqüência didática de Schneuwly & Dolz (1998, 2004). Com a análise desse gênero oral e a aplicação da seqüência didática, concluímos que o seminário é bem mais complexo do que supúnhamos e que, por isso, faz-se necessário um trabalho sistematizado com ele, contemplando desde a fase de preparação até a apresentação propriamente dita para que os alunos o dominem efetivamente como instrumento de aprendizagem.

Palavras-chave: seminário, gêneros orais, interacionismo sociodiscursivo, modelo didático, seqüência didática

Abstract: This article aims at presenting a work developed with a textual genre called seminar in the discipline Reading and Production Texts at the university. We have adopted a model of texts analysis from the Social Discursive Interactionism, developed by Bronckart (1999, 2004), and the proposal of teaching styles by means of Schneuwly & Dolz's (1998, 2004) didactic model structure and didactic sequence. With the analysis of this oral genre and the didactic sequence application we have concluded that the seminar is much more complex than we have supposed. Because of this, it is necessary a systemized work with it, regarding since the preparation phases until the presentation itself for the students master the difficulties effectively as a learning instrument.

Keywords: seminar, oral genre, Social Discursive Interactionism, didactic model, didactic sequence

Introdução

O ensino de gêneros orais, no Brasil, apesar de recomendado por especialistas e pelos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ainda não ocorre de modo efetivo. Algumas razões podem ser elencadas para justificar a quase total ausência desses gêneros na escola, entre elas, podemos levantar uma muito importante que é o fato de que ainda existem poucos materiais didáticos ou acadêmicos voltados para tal ensino.

Contudo, se já existe consenso sobre a importância de se levar o aluno a poder agir por meio da linguagem para que ele possa se tornar um cidadão de fato, o que estaria, portanto, dificultando a inserção dos gêneros orais na escola? Em nossa visão, o principal problema reside no fato de que, ao contrário dos textos escritos, que têm um suporte de ensino em revistas, livros etc., os orais exigem outras formas de organização para que possamos tomá-los, de fato, objetos de ensino. Um exemplo disso é o gênero oral seminário.

Nesse artigo, nosso objetivo é relatar e discutir uma experiência obtida na universidade ao decidirmos ensinar o gênero seminário para nossos alunos universitários em uma disciplina de Leitura e Produção de Textos. Para fazer esse relato, organizamos a nossa exposição nas seguintes seções: o seminário em nossa universidade; gêneros textuais e seu ensino; o gênero textual seminário e, para finalizar, as nossas conclusões.

1. O seminário em nossa universidade

Já é tradição nos cursos universitário brasileiros, a realização de seminários pelos alunos para se obter um dos instrumentos de avaliação da aprendizagem. Contudo, também é comum não haver orientações sobre como se deve ou pode realizar um seminário. Dessa forma, os alunos tendem a repetir as estratégias que já viram colegas utilizando durante seus seminários e a evitar àquelas que já empregaram em outros momentos e não foram bem vistas por professores.

Do mesmo modo, o professor também tem problemas quando trabalha com essa ferramenta de avaliação porque não tem muito claro o que exatamente deve ser avaliado nesse gênero, já que muitos são os elementos a serem observados tais como: a apresentação, a fidelidade ao texto indicado, a clareza na exposição, os recursos audiovisuais empregados, a coesão do grupo etc.

Intuitivamente, professores e alunos resolvem essas dificuldades, mas sempre com vários problemas, pois, nem sempre fica claro para o aluno por que o seu seminário não foi considerado bom, assim como é dificultoso para o professor justificar a sua avaliação.

Visando a resolver esse descontentamento que víamos na universidade particular do interior de São Paulo em que lecionamos, decidimos investir na criação de oficinas em que pudéssemos trabalhar com esse gênero oral a fim de ensiná-lo para os alunos e também oferecer aos professores parâmetros eficazes para como avaliá-los. Para isso, primeiramente, procuramos levantar o que era dito sobre os seminários em manuais de metodologia do trabalho científico, mas ficamos surpresas ante o silêncio que se faz sobre esse gênero e a ausência de materiais que sequer abrangessem esse assunto.

Logo, buscamos artigos, teses e mesmo seções de livros didáticos em que esse gênero fosse apresentado, mas notamos que há pouca produção sobre o mesmo e, quando se encontra algo, a abordagem é sempre muito parcial, enfatizando, ora organização dos grupos, ora o modo de ler o texto-base do seminário. Dessa forma, esses textos não nos pareceram suficientes para fundamentar as nossas oficinas sobre o seminário.

Diante disso, sentimos a necessidade de buscar meios de, inicialmente, compreendermos melhor esse gênero para depois verificarmos como poderíamos ensiná-lo. Para isso, recorreremos ao Interacionismo Sóciodiscurso (Bronckart, 1999 e 2004) que nos fornece um modelo de como podemos analisar gêneros textuais e aos trabalhos de Schneuwly & Dolz (2004) que nos indicam o caminho do trabalho didático com gêneros, como veremos na próxima seção.

2. Gêneros textuais e seu ensino

Em nossa análise do gênero seminário, optamos por seguir a abordagem de Bronckart (1999, 2004), uma vez que ela nos fornece não só um modelo de análise de textos, mas também bases para entender e refletir sobre o agir humano por meio de textos.

Baseando-se nos trabalhos de Vigotski, Bakhtin/Voloshinov, Habermas, Ricouer e Coserius, Bronckart (1999, 2004) afirma que, durante o processo de desenvolvimento, os homens foram travando relações entre si e, com isso, propiciando o surgimento da linguagem. Em dado momento, a linguagem pôde até estar aliada apenas à sobrevivência, porém, com o passar do tempo começou também a regular as atividades e interações humanas assegurando-lhes um grande desenvolvimento, pois serve a regular as atividades coletivas gerais, funcionando como o meio através do qual os humanos tentam chegar a um acordo sobre tais atividades e sobre como regrá-las, avaliá-las e comentá-las.

Esse uso da linguagem ocorreu no interior das comunidades por meio de textos orais e, em algumas comunidades, ocorreu posteriormente por meio dos textos escritos. Todavia, os textos que foram sendo gerados não eram iguais entre si; como variavam as situações de comunicação e os objetivos destas, os textos produzidos também apresentavam grandes diferenças. Esses textos podem ser agrupados e classificados em gêneros de textos.

Cada texto apresentará características gerais do gênero a que pertence, mas também trará em si propriedades singulares, ou estilísticas, que “decorrem das operações de adaptação a que um agente singular submete as regularidades do gênero, em função das representações do contexto da ação no qual ele se encontra.” (Bronckart, 2001: 3). Isso pode ser facilmente constatado na leitura de textos dos gêneros da mídia impressa: uma notícia da *Folha de São Paulo* apresenta regularidades com uma notícia do jornal *O Estado de São Paulo*, contudo as duas também terão marcas que nos permitirão diferenciá-las, como o tipo de título dado, a organização dos fatos, a seleção lexical etc. Considerando que os gêneros mediarão as interações no interior de uma comunidade, conforme Bronckart (2001), o usuário da língua, para utilizar o texto de um gênero qualquer, precisará mobilizar conhecimentos:

- a) do contexto de produção / da situação de produção de um texto deste gênero, ou seja, qual o seu contexto físico (lugar de produção, o momento de produção, o emissor, a modalidade possível - oral ou escrita -, o receptor do texto) e qual o seu contexto sócio-subjetivo, ou seja,

qual o lugar social de produção (escola, família, igreja, imprensa, etc), qual a posição social do emissor / enunciador na interação que se dará via texto de tal gênero (pai, professor, presidente, operário, etc), qual a posição social do receptor / destinatário nessa interação (aluno, professor, patrão, presidente, etc), e qual o objetivo (ou objetivos) dessa interação;

b) da organização textual, ou seja, do layout, dos tipos de discurso, dos tipos de seqüência (narrativa, argumentativa etc) e de suas articulações no interior de um texto desse gênero, formando a sua infra-estrutura textual;

c) da linguagem, ou seja, os mecanismos de textualização (coesão verbal, coesão nominal e conexão) e os mecanismos de enunciação (modalização e vozes).

Dessa forma, na análise de um texto de um dado gênero que se tornará objeto de ensino, também deveremos verificar o seu contexto de produção, a sua organização textual e as marcas lingüísticas que o caracterizam, para que assim possamos ensinar ao aluno em que situações poderá usar esse gênero, como estruturá-lo e qual linguagem utilizar.

Assim, dada a importância do gênero enquanto instrumento de adaptação e de participação na vida social / comunicativa do ser humano, o ensino de línguas, segundo Bronckart, deve visar ao domínio de gêneros e, portanto, ao estudo dos textos pertencentes a cada gênero. Os PCNs corroboram a mesma indicação ressaltando o fato de que o ensino deve levar o aluno a tornar-se um cidadão e o domínio de gêneros, por sua vez, terá uma importância nesse processo de inserção na sociedade, já que será por meio do uso de gêneros adequados a cada situação que o aluno conseguirá se colocar diante de seus interlocutores como ouvinte/leitor ou falante/escritor.

Os gêneros - "formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem" (Schneuwly e Dolz, 1997: 3) - podem ser vistos como ferramentas que possibilitam a comunicação, funcionando como um modelo comum, uma representação integrante que determina um horizonte de espera para o ouvinte / leitor e um modelo a ser seguido ou transgredido pelo falante / autor.

Do ponto de vista da aprendizagem, o gênero pode ser considerado como uma megaferramenta que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes. Contudo, é necessário lembrar que, ao entrar na escola e tornar-se um objeto de ensino, o gênero sofre uma modificação, ao menos parcial, para atender aos objetivos didáticos como a simplificação no tratamento do gênero, ênfase em certas dimensões etc. Desta forma, o gênero na escola será sempre uma variação do gênero de referência.

Para trabalhar com o gênero em sala de aula, Schneuwly & Dolz (2004) ressaltam a necessidade de que se construa um modelo didático do gênero, ou seja, um levantamento de suas características no nível do contexto de produção, da organização textual e da linguagem. A construção desse modelo requer a além da análise de vários exemplares desse gênero, a consulta a textos de especialistas que discorrem sobre ele para que possamos chegar as suas dimensões ensináveis. Feito esse modelo didático, para concretizar o trabalho em sala de aula, as intervenções escolares devem ser organizadas em seqüências didáticas (Schneuwly & Dolz, 2004), ou seja, um conjunto de atividades elaboradas a partir de um modelo didático que visa levar o aluno ao domínio de um gênero.

Assim, para se conseguir a apropriação de dimensões constitutivas de um gênero textual, em uma seqüência, são abordadas as condições de produção, a organização textual, a linguagem. Tal abordagem deverá sempre considerar o conhecimento que os alunos já têm sobre o gênero em questão e, prioritariamente, trabalhar sempre em um nível de complexidade maior a cada série. Logo, o mesmo gênero pode ser retomado várias vezes no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, mas a cada momento são acrescentadas novas características que ainda não haviam sido exploradas anteriormente.

Portanto, partimos dessa concepção de gênero, modelo e seqüência didática para estruturarmos o nosso trabalho com o gênero seminário.

3. O gênero textual seminário

Nossa primeira dificuldade, ao decidirmos analisar o gênero oral seminário, foi a ausência de exemplares de seminários gravados, como os que ocorrem nas salas de aula da universidade ou mesmo da escola, para que pudéssemos vê-los e estudá-los. Assim, como já ocorreu com Dolz, Schneuwly & de Pietro (2004), quando não conseguiram encontrar um exemplar do gênero debate público regrado para ser apresentado aos seus alunos e, dessa maneira, tiveram que “criar” um exemplar próximo daquilo que queriam ensinar a seus alunos, fomos obrigadas também a “criar” o nosso modelo.

Para isso, partimos de nossas experiências como professoras e dos relatos dos sucessos, bem como dos fracassos, vivenciados por nossos colegas a fim de construirmos um modelo do gênero oral seminário, assim como recorremos a uma análise da exposição oral feita em Schneuwly e Dolz (2004). O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi o fato de que nós e nossos colegas, normalmente, partíamos do pressuposto de que nossos alunos já conheciam bem o gênero e, portanto, não era necessário discutir o contexto de produção, a organização textual ou a linguagem. As únicas recomendações dadas aos alunos referiam-se ao tempo permitido para a apresentação do seminário e a necessidade ou não de se utilizar recursos audiovisuais, já que todos nós tínhamos algumas representações sobre esses níveis do gênero e contávamos com o fato de que os alunos também as possuísem.

Decidimos, assim, começar por explicitar essas representações e verificarmos o que teóricos como Dolz & Schneuwly e os manuais de trabalho científico apresentavam como características do seminário. Chegamos, dessa forma, à seguinte conclusão: o seminário é um gênero oral bastante complexo na medida em que demanda, para ser bem realizado, capacidade superior à necessária para se fazer uma exposição oral em público. Notamos que é preciso dividir o seminário em duas etapas sendo a primeira a preparação e a segunda a apresentação. A preparação diz respeito à organização do grupo, do tempo e distribuição das tarefas, pesquisa e leitura de textos, fichamentos, preparação da apresentação - elaboração do roteiro e dos slides/transparências, ensaio da apresentação e teste/treino com aparelhos audiovisuais. A segunda etapa refere-se ao seminário propriamente dito, em que, além de saber a linguagem adequada, o conteúdo a ser trabalho e a ordem de apresentação, será preciso ter claro qual a aparência e postura física a ser adotada (roupas, mãos, olhares, tom da voz etc.) para que se consiga atingir a finalidade do seminário.

Na primeira fase do seminário, vimos como necessidade trabalhar com os alunos a organização do grupo e o papel que cada um assumiria durante o seminário, ou seja, quem iniciaria o seminário e faria a introdução do tema e a apresentação do grupo e dos subtemas que cada um exporia, quem seriam os expositores que abordariam subtemas, quem faria a exposição final e a conclusão do seminário, além de abrir espaço para as questões do público. A seguir, os alunos deveriam compreender que é preciso distribuir as tarefas relativas às pesquisas e leituras, além de discutir como podemos fazer essas leituras e fichamentos de modo a conseguirmos ter uma boa fundamentação para fazer a exposição oral. Além disso, há a questão do tempo e faz-se necessário organizar um cronograma para que o grupo saiba até quando se concentrará nas leituras, quando farão o roteiro de apresentação, testarão os aparelhos audiovisuais e farão um “ensaio” para verificar as questões de tempo e os aspectos que precisam ser melhorados. Nessa preparação, também discutimos como fazer o roteiro de apresentação que seria entregue ao público e os slides / transparências, tratando da quantidade de slides e de texto em cada um, das cores, do tamanho de letras e da cautela com as animações.

Na segunda etapa do seminário em si, consideramos essencial deixar claro as características de cada nível do gênero. No nível do contexto de produção, tratamos a figura do seminarista como um especialista que ensinará ao seu destinatário algo que ele ainda não sabe, daí a necessidade de usar uma linguagem clara, mantendo uma interlocução com o público, trazendo exemplos e fazendo reformulações em sua fala sempre que perceber que o público não o está acompanhando. Na organização textual, ressaltamos a atenção com a apresentação coesa e articulada dos integrantes do grupo, além do cuidado com os slides. Na linguagem, procuramos indicar formas de como manter a interlocução ou o distanciamento do público nos momentos necessários, como introduzir os exemplos, como reformular a própria fala, como passar a palavra para o próximo apresentador, além de discutir a necessidade de ficarem atentos às regras de concordância e regência para que conseguissem manter-se no português culto durante toda a apresentação.

Feito esse levantamento das características que seriam ensinadas, montamos uma seqüência de atividades para ser trabalhada em 4 fases: na primeira, houve uma discussão sobre o que é o seminário e a exposição oral na visão dos alunos e exercício de apresentação individual dos alunos sobre si mesmos e seus trabalhos com o objetivo de que verificássemos o nível de conhecimento que tinham sobre uma exposição oral; em seguida, apresentamos o que consideramos como um bom seminário. Na segunda, fizemos uma orientação sobre a primeira etapa do seminário e, na terceira, acompanhamento da preparação do seminário pelos alunos. Na quarta, houve a apresentação dos seminários. Como o objetivo era ensinar os alunos a trabalharem com o gênero seminário deixamos que cada grupo escolhesse o seu tema de acordo com os próprios interesses; assim, assistimos a seminários sobre alimentação saudável, combustíveis e desenvolvimento sustentável, inclusão social, excesso de preocupação com a aparência, etc.

4. Conclusões

A realização dessas oficinas focando o seminário nos permitiu perceber que, ao mudar o nosso pressuposto de que o aluno já conhece bem esse gênero escolar e passar a assumi-lo como parte do programa do ensino na universidade, tanto os alunos quanto nós professores aprendemos muito. Os alunos aprenderam além de se organizar para

usar esse gênero e a ver um sentido em utilizá-lo, que o domínio de qualquer gênero em qualquer instância social está intimamente relacionado à sua prática, isto é, que a busca pelo domínio da linguagem oral é um processo contínuo. Nós, professores, aprendemos, primeiro, que esse gênero é bem mais complexo do que podíamos supor e que o sucesso de sua realização vai depender das instruções prévias dadas pelo professor a fim de que seja feita a organização anterior do grupo, ponto que normalmente deixávamos por conta do aluno. Em segundo lugar, aprendemos também que, se o seminário serve para ensinar algo que as pessoas ainda não sabem, ele não pode ser usado a qualquer momento apenas como mais um instrumento de avaliação, e para que esta seja um meio e não um fim, é preciso que ele cumpra o seu papel e ensine realmente, constituindo-se, dessa forma, em um instrumento de aprendizagem.

Nesse sentido, gostaríamos de ressaltar o quanto foi importante para nós abordarmos o seminário enquanto um gênero textual na perspectiva do Interacionismo sociodiscursivo, já que, sem esse olhar, provavelmente, não nos tivéssemos dado conta do caráter interacional desse gênero, seja na relação do grupo de seminaristas entre si, na relação deles com o professor ou na relação com os demais colegas da sala, para quem o seminário deve ser realizado e deve valer a pena.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, M. M., 1997. “Os gêneros do discurso”. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes.
- Brasil. 1998. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília.
- Bronckart, J.-P., 1997. *Activité langagière, textes et discours*. Pour un interactionisme socio-discursif. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J.-P., 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um Interacionismo Sociodiscursivo. Trad. de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC.
- Bronckart, J.-P., 2001. « L’enseignement des discours. De l’appropriation pratique à la maîtrise formelle » - In : M. Almgren & al. (Eds), *Research on Child Language Acquisition*, New-York, Cascadilla Press, pp. 1-16.
- Bronckart, J.-P., 2004. Pourquoi et comment analyser l’agir verbal et non verbal en situation de travail? In: BRONCKART, Jean.-Paul et Groupe LAF (Ed.). *Agir et discours en situation de travail*. Cahier de la Section des Sciences de l’Education, Genève, n. 103.
- Dolz, J. ; Schneuwly, B., 1998. (org.) *Pour un enseignement de l’oral: initiation aux genres formels à l’école*. Paris. ESF.
- Dolz, J., Schneuwly, B. & De Pietro, J. F., 2004. “Relato da elaboração de uma seqüência: o debate público”. In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- Schneuwly, B. & Dolz, J., 2004. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.